



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

PELOTAS ILUSTRA E DIGNIFICA O RIO GRANDE E O BRASIL

DISCURSO PROFERIDO NO SALÃO DO CINE-RÁDIO PELO-
TENSE, A 4 DE ABRIL DE 1968, EM SESSÃO SOLENE DA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS, AO
RECEBER O TÍTULO DE DOUTOR «HONORIS CAUSA» DA
MESMA UNIVERSIDADE.

É com emoção profunda e contentamento esfuziante, que as-
somo a esta cátedra — uma das mais altas tribunas de nosso Rio
Grande — para, correspondendo à espontaneidade do convite do
Magnífico Reitor desta Universidade e do seu Conselho, proferir a au-
la inaugural de 1968, na oportunidade mesma em que se completa o
primeiro aniversário de meu Governo.

Estou a recordar dias felizes e distantes que aqui vivi, quando co-
mandava o 9º Regimento de Infantaria, unidade de escol que sempre
honrou e dignificou o Exército Nacional.

Jamais esquecerei que, nesta Guarnição, veio servir meu filho, lo-
go após recebida sua espada de oficial.

Relembro, com saudade, amizades que minha mulher e eu aqui
deixamos e que o perpassar do tempo mais fortaleceu e arraigou em
nossos corações.

Recordo clubes que freqüentávamos; folguedos e sadios diverti-
mentos de que compartilhávamos, no seio de uma sociedade culta e
nobre, de um povo de trato fidalgo e acolhedor, que ainda hoje con-
serva, no patrimônio da Cidade, o merecido título de Capital do Pa-
triciado Gaúcho.

Se, na lira do poeta,

«Recordar é viver a mesma vida,

É sonhar o mesmo sonho já sonhado».

Ao retornar aqui, passadas que são mais de duas décadas, estou a
viver a mesma vida de outrora, cercado de carinho, no aconchego de
patricios, camaradas e amigos. Com prazer, encontro a antiga Vila de

São Francisco de Paula, perseverante no progresso, vibrando de contagiante entusiasmo, apresentando todas as classes sociais, irmanadas no trabalho fecundo, para a realização do bem comum.

Pelotas foi sempre seminário de cultura e a comprová-lo aí estão, em todas as fases de sua existência bissecular, nomes de ilustres filhos seus que avultam em nossa História, pelas manifestações do saber, pelo brilho das virtudes e benemerência das ações.

E a corroborar a assertiva, mencionarei de relance alguns nomes, apenas, a principiar por Antonio Ferreira Viana, o Conselheiro do Império e Ministro da Justiça, no penúltimo ano do regime monárquico; Alexandre Cassiano do Nascimento que, na agitada Presidência do Marechal de Ferro, chegou a ocupar três pastas, concomitantemente — a das Relações Exteriores, a da Fazenda e a da Justiça e Negócios Interiores; Francisco Antunes Maciel, ministro do Império, e seu filho homônimo, o Ministro da Justiça, no difícil ano de 32, da Revolução Constitucionalista de São Paulo; Ildefonso Simões Lopes, o homem que à frente de um Ministério deu nova seiva à Agricultura; a estirpe do Marquês de Herval, toda ela ilustre e benemerita; o malogrado Francisco Lobo da Costa, cujos versos a mocidade de minha geração cantava, ao violão, em noites de serenatas; João Simões Lopes Neto, o *primus inter pares* dos escritores regionalistas de nosso Rio Grande; Bruno Chaves, o primeiro Embaixador do Brasil junto a Santa Sé; Dom João Braga, o primeiro bispo de Petrópolis, e o primeiro arcebispo de Curitiba, à sua época, o príncipe da oratória sacra do episcopado nacional; Jorge Salis Goulart, o sociólogo que recolheu os aplausos da crítica contemporânea; Urbano Garcia, médico humanitário, cujo nome ninguém esquece, porque está inscrito no relicário do coração agradecido do povo desta terra; Victor Russomano, político, orador e homem de letras, cuja descendência aí está a lhe perpetuar o nome e a glória, para só falar-vos de alguns dos que já partiram, pois é interminável o elenco de vultos notáveis desta terra; todos, todos eles atestando e comprovando que Pelotas ilustra, dignifica e engrandece o Rio Grande e o Brasil.

A essa Pelotas, generosa e boa, a essa Pelotas de estadistas, e homens de governo; às suas autoridades federais, estaduais, municipais e eclesiásticas; a essa Pelotas de escritores e artistas; de oradores e poetas; de agricultores e fazendeiros; de homens de ciência e de finanças; do comércio e da empresa privada; de funcionários e de trabalhadores em todas as ramificações do trabalho, de mestres e alunos; de sacerdotes e seminaristas que, na oração, falam com Deus, ligando a Terra ao Céu; a essa Pelotas em que reinam a Paz e a Ordem, asseguradas pela vigilância dedicada de nossas classes armadas; a todos, sem exceção de ninguém, minha afetuosa saudação, e meu coração agradecido, pela fidalga acolhida.

Meus jovens amigos, venho falar-vos a vós, moços do Rio Grande.

Venho falar à mocidade das escolas, porque não se pode pensar, nas atuais condições do Mundo, em monólogo, a expor as próprias idéias. Tudo deve ser colocado na base do diálogo em que o que fala há de responder, indo ao encontro do sentimento daqueles a quem se dirige e o que o escutam. Sou, de coração e pensamento dos que procuram a identificação com a juventude, a qual constitui não só realidade ponderável no Brasil, senão também baliza, a marcar os rumos do futuro.

Penso que ser moço, na hora que passa, é ventura mais cheia de esperança, que a que viveu minha geração e as que a antecederam, porque seu horizonte abrange distâncias e dimensões nunca dantes igualadas e nem sequer imaginadas. Estamos em transformação constante, em mudança tão vertiginosa que desafia não só as estruturas sócio-econômicas mas a própria psicologia e capacidade de adaptação de cada um de nós à realidade ambiente.

Não devemos esquecer que nenhum movimento em direção ao futuro e à autenticidade de valores se realizou, em nossa Pátria, sem que tivesse a mocidade a impulsionar-lhe ativamente a eclosão.

Talvez o mais importante — a Abolição — encontrou na mocidade das escolas e academias o alto-falante da voz do povo brasileiro, em que o estro de Castro Alves, a predicação de Nabuco, o verbo potente de Rui e a audácia de Patrocínio, como martelo na bigorna, clamavam sem cessar exigindo o que, face à justiça, devia ser realizado — a igualdade racial do Brasil de nossos dias.

A juventude, em sua lógica analítica e implacável, tem de ser entendida, porém, antes de tudo, ela tem de escutar, e tem de ouvir.

A juventude de hoje é a geração das transformações vertiginosas, da conquista de um Brasil que, em seu desenvolvimento, como que explode de suas estruturas tradicionais para um porvir de liderança.

Estamos vivendo a era da Técnica, com a qual já se alcançaram êxitos espetaculares.

Esta abertura de sociedades novas para um Mundo novo terá, sem dúvida, também seus riscos, porque pressupõe uma libertação quando não uma rutura com várias fórmulas do passado, para que nele floresçam e vivam as quatro liberdades proclamadas na Carta do Atlântico: *a defesa da vida, a liberdade da pessoa humana, sua independência econômica e liberdade religiosa.*

Qualquer desvio em relação a seu fim próprio poderá ter funestas conseqüências. Se a Técnica não estiver a serviço do homem, vale dizer, da sociedade, ela concorrerá, e já está concorrendo, para a sua própria desumanização.

O futuro da Nação é e há de ser obra de fé e confiança na essência daquilo que almejamos. Sem fé e confiança a vida será o fardo da definição de Bias, o filósofo da Grécia antiga.

Sem fé e sem trabalho nada se construirá, porque as crises, que acompanham a rutura com o passado, demandam tempo, pois exigem, sempre, um «antes» e um «depois».

Aquilo que a mocidade der de si, hoje, ao Brasil, o Brasil lho restituirá, cento por um, como na parábola do Evangelho.

Em nossa Pátria, como no Mundo hodierno, há muito que mudar. Tornam-se necessários a correção de estruturas sociais, o avanço nos setores da instrução, da cultura, da habitação e da saúde. Mas isso só será alcançado com uma juventude estudiosa, trabalhadora e pugnaz.

«Precisamos — agora é Paulo VI quem nō-lo diz, na Encíclica «Gaudium et Spes»:

— Precisamos de muitas reformas nas estruturas da vida econômico-social e de uma mudança de mentalidade e de hábitos de vida. E para consegui-lo» — conclui Sua Santidade — «exigem-se virtudes morais e sociais difundidas na sociedade, de modo que surjam *homens novos*, artífices de uma nova Humanidade.

Pois vós, meus jovens amigos, sois esses «homens novos». Sois felizes de viver na confluência de dois mundos: daquele que nos deu as raízes do que temos e deste, que já se projeta em naves espaciais para o desconhecido.

Felizes porque vos esperam as aventuras de conquistas, não, apenas, dos espaços siderais, da matéria insensível, mas do próprio homem em seu eu em sua mais profunda intimidade, a fim de o colocar à altura do mundo material que sua inteligência já dominou, mas ao qual seu ser ainda se não adaptou convenientemente.

Como brasileiros sois felizes, porque vos espera o desafio de transformardes o Brasil Central e a Amazônia em terras magníficas para o homem; felizes, porque a continuação dos esforços atuais também vos pede, para todos os recantos do Brasil, o melhor de vossos corações, de vossa inteligência, enfim, de vossa atividade, em bases justas, reais, adaptadas ao ambiente nacional.

A vitalidade que mora em cada um de vós, essa vitalidade que representais face às outras gerações, que ela se manifeste não na atitude agressiva, mas na fé e coragem que respondem à necessidade de autêntica afirmação de mocidade.

Todos nós precisamos de fé, para não vegetarmos, para vivermos em plenitude, e vós, meus caros amigos, precisais também dela mais que ninguém, para completardes vossa personalidade, em todas as suas reais possibilidades.

Mas fé, vazia de obras, é como relógio sem corda. Ela precisa de obras, que não sejam vãs nem perniciosas, mas em harmonia com as normas da moral e do direito, plasmadas nos valores imortais da Humanidade, adaptados aos objetivos do presente.

O Estudante de hoje é o homem existencial, o homem possuidor de sua idade e seu temperamento individuais. O jovem universitário brasileiro está sujeito ao dinamismo característico da crise que estamos vivendo, pois vivemos numa crise de civilização, em que os homens cultuam a razão em detrimento da fé, em que se exalta liberdade e se renega a autoridade, em que se crê na ação e se zomba da oração.

A formação de um universitário em nossos dias, desse homem novo de que a sociedade moderna necessita, se ela se quiser ver reconstruída, terá de repousar no despertar de sua consciência para novos valores.

O jovem do qual a sociedade carece é um jovem cheio de dinamismo e iniciativa, mas cõscio de sua responsabilidade. Só estes jovens serão líderes capazes de construir um Brasil que não seja, eternamente, o país do futuro. O Brasil tem de ser uma nação do presente e é da Universidade que há de sair a juventude apta a preparar o futuro, segurando o presente em suas mãos. É na universidade que lateja a força e circula a seiva, capazes de gerar o ressurgir de um Brasil novo, imenso no plano material, mas íntegro em sua dimensão espiritual.

E é por isso que o Brasil de vós exige formação cultural, espiritual, e moral, adequada à nova e mutável situação histórica em que ele se encontra.

Mocidade brasileira! Jovens das três Universidades de Pelotas!

Nós cremos em vós. Temos certeza de que ireis desempenhar papel decisivo no Brasil, de amanhã, realizando os ideias da Revolução Redentora de 31 de março de 1964. Ideais que se confundem e identificam com a felicidade do País.

É preciso que tenhais a certeza de que somente a liderança de um verdadeiro e autêntico escol universitário será capaz de recompor o sentido da Unidade espiritual. Universidade é a unidade na pluralidade, e a universalidade, como sabiamente o ensinava Newman, é a essência do espírito universitário.

Esta essência, revivida por vós, será o núcleo de uma civilização e, em torno desta, os valores universais e eternos de espírito humano criarão a consciência coletiva da responsabilidade que recai sobre cada um de nós, para a construção de um mundo melhor, alicerçado na justiça e tranqüilo na plenitude da paz.